



V-25-4, 116 no. 10



Na Loja de Fran. Luis Pinheiro quaze de fronte das Martiras

*Ph. Audinet Sculp.
Lx.*

JW-

HIPPOLYTO:
SERENATA
PARA CANTAR-SE NO FELIZ DIA
NATALICIO
DO
SERENISSIMO SENHOR
D. JOÃO
PRINCIPE DO BRAZIL;
OFFERECIDA
POR
LUIZ RAFAEL SOYÉ.

S'adori il sol nascente,
Che i danni altrui ristora
D'a regni dell'aurora
Fin dove cade il di

Metastasio.



LISBOA. MDCCXCIV.

NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

*Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre
o Exame, e Censura dos Livros.*



A - XV

H 667

CX. 21

ARGUMENTO.

Hippolyto foi Filho do grande Thezeo Rei de Athenas ; a pezar do orgulho , com que ostentava respirar sempre d'Amor izento , cedeo ao seu destino recebendo por Esposa a Aricia descendente dos antigos Reis d'Athenas , com ella passou para Italia , onde fundou huma Cidade , que inda hoje dura , com o nome da Consôrte , que Amor lhe destinára.

Plut. Vida de Thezeo.

ACTORES.

HIPPOLYTO.

ARICIA.

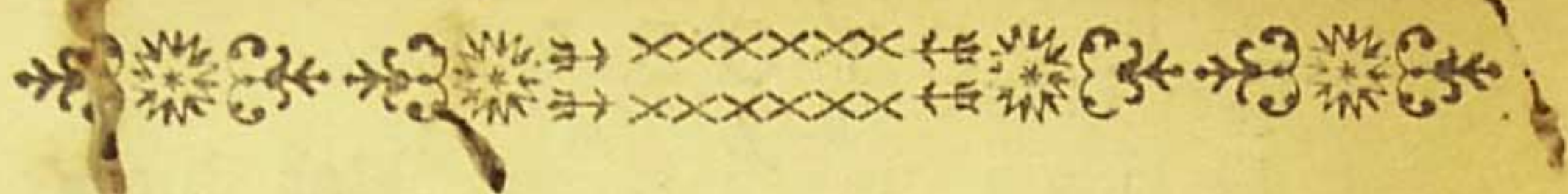
THEZE O.

MERCURIO.

THERAMENO, Aio d'Hippolyto.

ISMENIA, Confidente d'Arícia.

A Scena passa-se no jardim do Palacio
Real d'Athenas.



HIPPOLYTO:
SERENATA.
ACTO UNICO.

Hippolyto, e Therameno.

Hip. **A** H Therameno! quando,
O Ceo reconhecido
A meus nobres desejos
Me deixará mostrar, que eu sou hum digno
Filho desse Thezeo, cujas proezas
Vôão no fogo do valor accezas.

Ther. Vosso espirito illustre
Nutrí primeiro bem; o vosso corpo
Deixai consolidar, depois aos centos
Occaziões virão de valorozo
Hum desejo croardes tão honrozo.

Hip. Que nutrido respira
O espirito sublime,
Que me anima, e alenta
Vê-se bem no vigor, com que s'eleva
Aos pórticos brilhantes
Do templo Augusto da immortal Me-
moria :

Formado está o Heróe, que aspira á gloria.
E

E o braço , que forçoço,
 As lanças cravou já nos seios duros
 D'ursos , e leões féros
 Também terá vigor para animado
 Das mãos d'um Peripheto
 Arrancar a enea maça.
 A força , com que sempre
 Reprimo a violencia,
 O accendido vigor dos corpulentos ,
 Dos fogozos cavallos , que ensoffridos
 Mordendo os rijos freios
 Levão meu carro erguido ,
 Trilhando as mais das vezes
 Do mesmo vento as azas :
 Da força , e da destreza ,
 Com que eu modero seu rompente giro ;
 Vem a firmeza , com que á gloria aspiro.

Ther. No Mancebo imprudente ,
 Que d'arte , e segurança ,
 Com que os frizões domava ,
 Com que o carro velóz encaminhava
 A idéa concebeo fatal , soberba ,
 De manejar as rédeas abrazadas
 A que fugeitos correm
 O impetuozo Eous , rápido Etonte :
 No mísero Faetonte
 Os olhos devem por considerados
 Quanto por conseguirem
 Vantagens , que lhe augmenta
 Céga vaidade de brilhar sedenta
 Alheios ,

Alheios, illudidos
São de vltimos desejos consumidos.

Hip. O mísero Faetonte
Cahio precipitado,
Por não ser animado
D'Hippólyto co' o ardor.
Ceder não póde nunca
Na mais activa empreza,
Quem vence a Natureza,
Quem zomba, e ri d'Amor.

Ismenia só.

Oh Ecco fugitiva,
Que vagas sem destino,
Dá-me novas d'Arícia,
Dessa infeliz Princeza,
Que inda suspira em vão d'Amor acceza.

De quem suspira
Por quem não ama,
Quanto ha de a chama
Violenta fer.
D'Amor mais vale
Não saber nada,
Que desprezada,
Triste gemer.

Ari-

Aricia , e Ismenia.

Aric. He certo , que não póde
 Achar allivio , ou gosto , ...
 Toda a alma , que d'Amor está doente
 Só no seu mal , Ismenia , alivio sente.

Ism. Fazei quanto poderdes
 Por esquecer-vos delle.

Aric. Pois julgas , louca Ismenia ,
 Que eu soffro por meu gosto.
 Julgas , que eu por vontade
 Supporto o vil desprezo , a crueldade
 Desse altivo Mancebo :
 Julgas , que s'eu podéra
 Resistir-lhe , gemêra ,
 Por hum filho do barbaro , cruento
 Autor de toda a minha desventura ;
 Se possível lhe fosse ,
 Minha querida Ismenia ,
 Dos altos Ascendentes
 Aricia a estirpe clara
 Com hũa chama tal não deslustrára.

Se a livre Atalanta
 Por ser constangida
 Sem crime perdida
 A Hypómene amou ;

Ain-

Ainda, que eu finta
 A pa, toda extincta;
 Como hoje obrigada
 Respiro penando,
 A Hippolyto amando
 Culpada não fou.

Ism. Sempre julgo fraqueza
 Amar a quem ingrato amor despreza.

Aric. Ismenia, não o nego,
 Por fraco cede o peito:
 A dispótica Sorte
 A palma sempre dá ao que he mais forte.
 Razão, por que eu tão fraca
 Me julgo hoje cedendo
 D'Hippolyto as brilhantes qualidades,
 Como o arrebatado, impetuozo
 Amante da zelozza Deianira,
 Que d'Alcides nas mãos suffoca a ira.
 Ah Ismenia! ceder faltando as forças
 Bem vejo que he fraqueza,
 Porém izenta, e livre de vileza.

Ism. Póde vil fer quem ama?

Aric. D'Amor a doce chama
 Se póde envilescer sempre, que o objecto
 Dos amantes cuidados
 He interesse vil, honra, ou riqueza;
 Por interesse amar sempre he vileza.

Ism. Mas vosso amor izento
 D'interesse não he...

Aric.

Aric. - - - - - interessado

Descobres meu amor ?

Ism. - - - - - quando choroza

Erguendo as mãos aos Ceos , soltais gemidos

D'Hippolyto cruel contra a dureza

Profana o vosso Amor torpe vileza.

Aric. Negar não posso , Ismenia ,

Que o meu amor aspira

Que o meu peito suspira

Por atear d'Hippolyto no sangue

O fogo , que o consome ;

Mas este o distinctivo

Do legitimo amor ; amor he nobre ,

Sempre que he d'ambição tão livre, izento

Que desde o aureo assento

Obriga ao summo Jove

A descer ás campinas em procura

Da simples , meiga , e terna formozura ;

Que envolta em pobres pannos

Seu coração ferio , qual rutilante ,

Accezo diamante ,

Que os raios espalhasse

Entre a terra do monte , que o criasse :

Este o sublime Amor , querida Ismenia ,

E o meu inda se eleva ,

Pois me reduz a tanto ,

Que me obriga a gemer , a verter pranto

Por hum torpe inimigo ,

Que me despreza atroz , que me aborrece

Com

Com tão barbaro excesso ,
Que nem ainda as mais débeis apparen-
cias

Me deixa disfrutar d'ua esperança ,
Que adoce a crua dôr , em que me lança.

Ism. Sua altivez he tanta ,
Que muito mais , que hum javali m' es-
panta.

Aric. E he tal a desventura ,
Que nutre em seu rigor minha ternura.

Ism. Ditozo quem vive
Em doce focego ,
Ausente d'um cégo ,
Vil Nume traidor.

Aric. Ditoza mil vezes ,
Feliz de quem ama ,
A quem desta chama
Conheça o valor.

Amb. Entre ansias pungentes
Alheio delira ,
Quem triste suspira
Nos laços d'Amor.

Aricia , Therameno , e Ismenia.

Ther. Princeza desgraçada ,
Eu vos faudo humilde.
Com aquelle respeito
Que se vos deve sempre ;

Pe-

Pela que em vós respira Magestade
Apezar da cruel fatalidade.

Aric. O fiel companheiro
D'um Principe tão féro , e orgulhozo
Não sei como he comigo attenciozo.

Ism. Em quanto alguã empreza
A seu Filho Thezeo não offerece ,
Em que nos mostre a todos ,
Que he digno descendente
Do Deos , que a seu sabor move o tri-
dente :

Na caça se exercita ;
Dos fogozos frizões no arduo manejo ;
Em lutas , em carreiras ,
E nos mais exercicios ,
Proprios a hum moço illustre
A quem o nascimento
Chama d'antigos Reis ao alto assento :
Hoje se deo á caça
Para ir endustriando
Dois possantes Molossos ,
Que recebeo do Epyro ,
Separou-se de mim não posso achá-lo.

Aric. Sereis vós por ventura ,
Quem sua alma formou ?

Ther. Sua alma já perfeita
Natureza nos deo , faço o possivel
Por guiá-lo por entre a escuridade ,
Que nos primeiros annos lança a idade.

Aric. Entre as suas virtudes

Di-

Dizem , que se distingue ;

A fria indifferença

A respeito d'Amor....

Ther. - - - - - a mancha escura ,

Que do Pai nos triunfos

Lanção mil falsidades ,

Incoherencias mil , mil defacertos

Só por Amor cauzados ;

Julgo o motivo ser da vigilancia ,

Com que d'Amor se livra , receando

Desdoiros , que no Pai vê suspirando.

Aric. He raro certamente ,

Que sendo para amar formada a gente

D'Amor sempre liberto

Respire hum tal humano.

Ther. Quem chega a conhecer d'Amor o en-
gano

He facil conservar-se ,

Na doce liberdade

A pezar dos estímulos da idade.

Aric. (Se isso verdade fora

Não soffreria a dôr , que me devora)

Ther. Por entre o laberinto ,

Que a céga adolescencia ,

Sem luz de esperiencia

Com pranto ha de regar :

No instante , em que perdido

Suspira o triste humano ,

Sómente o desengano ,
O póde resgatar.

Hippolyto , Aricia , Ismenia , e Therameno.

Hip. Podia , Therameno ,
Esperar mais por vós se a paciencia
Os dictames seguisse da prudencia.

Ther. Julguei , que a sorte avessa
Quando Aricia lançou do throno antigo
Que occuparão seus Pais , não tinha tido
A força de privá-la
Do imutavel direito ,
Que tem ao meu favor , ao meu respeito.

Hip. Bem fei , oh Therameno ,
De Pitheo o colhi , que impertiveris
Esses nobres direitos
Da mísera fortuna os perseguidos
Perdem só quando ha crimes denegridos :
Sem faltardes porém á cortezia ,
Que a Aricia devem todos ,
Podiais , me parece ,
Poupar-me a impaciencia ,
O férvido cuidado ,
Com que agora por vós tenho esperado.

Ther. Não sabia , Senhor , que tanta falta
Vos podesse fazer....

Hip. - - - - - queria visseis
Dos dois novos Molossos
A nobre valentia ,

Hum

Hum ríspido urso grande
 Poderão descobrir, a féra hirsuta
 D'huma antiga azinheira
 Ao tronco s'encostou, e resoluta,
 A híspida vizeira
 Aos Molossos voltou, começa a guerra,
 De que vítima a rêz jáz morta em terra.
Ther. Os parabens vos dou, impaciente
 Demorar-me não posso,
 Vou vêr desse combate
 Os restos sanguinozos,
 E affagar huns guerreiros tão briozos.

Hippolyto, Aricia, e Ismenia.

Aric. E vós, Senhor, ficais?

Hip. - - - - - quero mostrar-vos,
 Que inda, que amar não queira
 Do affavel cumprimento
 A's Damas tão devido, não me izento.

Aric. Dispensa-se o respeito
 Quando ha receio de ser mal acceito:

Hip. Elle não sinto em mim:

Aric. - - - - - deveis senti-lo.
 Na pérfida injustiça
 A não quereides, imitar altivo
 Vosso tyranno Pai; desafizado
 Não deveis despojar-me desse nobre,
 Fiel resentimento,
 Natural ao meu ser, e nascimento.

Hip.

Hip. A idéia da desgraça,
 Que meu Pai voscauzou, cedendo
 aos gritos,
 Com que o Povo d'Athenas,
 Ao throno o convidava,
 Julgo, que jámais póde
 Contra mim indispor-vos de maneira,
 Que nem do meu respeito
 N'apparencia queirais colher o effeito.

Aric. Dos inclitos Monarcas
 Da cultivada Athenas,
 Julgais a descendente
 Co' pezo da desgraça
 Envilescida tanto,
 Que possa sem espanto
 Sem odio, sem horror, sem violencia
 Receber inda a mínima aperencia
 De agrado, offerecido
 Pelo herdeiro d'um pérfido tyranno
 De quem proveio só todo o meu dano.

Póde a barbara desgraça
 Das mãos Sceptros arrancar,
 Mas não póde n'alma Illustre
 As virtudes suffocar.

Hip. Pois reputais virtude,
 Nutrirdes contra mim odio ferino
 Por motivos, em que eu não tive parte.

Aric. Chamo virtude a nobre,

A sólida constancia ,
Com que a pezar da sorte ,
A vista da desgraça
Se deve aborrecer do criminozo
Não só a vista feia ,
Mas inda a todo o folgo , que o rodeia.

Hip. Não devo por mais tempo
Os vossos olhos molestar com vista ,
Que tanto vos offende ,
Que até contra o dever vosso odio accende.

Aric. Sagradas sombras tristes ,
Que mudas revoando
Com sangue rociando
A vossa terra andais :
Que Aricia constangida
Por essa infesta chama ,
Que o sangue , e alma inflama
Nos peitos que devóra ,
Vos seja inda traidora ,
Affictas não temais.

Hip. (Quem diria, que hum corpo tão perfeito
Nutrisse hum odio tal no branco peito.)

Aricia , Ismenia.

Aric. Ah pundonor tyranno !
Feroz porque me obrigas ,
A repetir soberba o que não sinto ,
Se vês que triste constangida minto ?

Ism. Agora sim , Aricia ,

Agoi

Agora do Heroísmo
A luz brilhante , e pura
Nos vossos vivos olhos
Vejo brilhar izenta
Do torpe fogo da paixão violenta.

Aric. Ai Ismenia , se visse
O centro de minh'alma ,
Tanto me não alçaras ,
Talvez em queixas o louvor trocáras.

Ism. Creio podeis sem susto
D'Ismenia confiar vossos segredos ;
Que nova mágoa veio
Dos vossos olhos arrancar mais pranto ?
Dizei-me o que sentís...

Aric. - - - - - ah ! faudades...

Ism. De quem ?

Aric. - - - - - desse mancebo ,
Contra quem blasfemei...

Ism. - - - - - desse soberbo ,
Desse orgulhozo moço ,
Que inda agora de vós quis insolente
Zombar com futil , vão zelo aparente.

Aric. D' Hippolyto conheço
A bruta indiferença ;
Vejo de meus Irmãos , de meu Pai vejo
As respeitaveis sombras
De meu fogo traidor horrorizadas
Bramindo furiozas :
Ao som de imprecações injuriosas
Lançarem no meu rosto

A's mãos cheias o sangue derramado
 Pelo cruel Thezeo ; vejo rasgado
 O seio de meu Pai , vejo as entranhas
 A quem devo o meu ser despedaçadas
 Trémulas palpitando
 Vingança aos Ceos gritando ;
 E qual julgas o effeito ? ...
 Sinto a alma estremecer quando o profiro :
 Por Hippolyto céga em vão suspiro. (1)

Ism. São dentro d'alma
 Paixões violentas ,
 Roucas tormentas ,
 Irado mar.
 Hórridas nuvens ,
 Noite espantoza ,
 Fúnebre , escura ,
 Em que não póde
 A luz formosa
 Da razão pura
 Limpa brilhar. (2)

Hippolyto , e Therameno.

Ter. Tendes , Senhor , motivo
 Que disgosto vos dê ? vejo-vos mudo
 Alheio , pensativo.

Hip. Com apparencias vãs , já não m'illudo :
 ** ii Não

(1) Vai-se.

(2) Vai-se.

Não tenho fundamento
 Para nutrir receio ,
 De que j'agora entrar possa em meu seio
 D'Amor o atro veneno :
 Estou acostumado
 A contente viver, sem ser amado :
 Mas hoje experimento ,
 Que ainda me faltava ,
 A intrépida constancia
 De com a mesma paz , com que respiro
 Livre d'um frôxo Amor, soffrer os golpes
 D'um odio desabrido :
 Mortifica-me o ver-me aborrecido.

Se Amor as setas d'ouro
 Não póde em mim cravar ,
 Do odio as farpas negras
 Me fazem suspirar.
 Que esquiva não s'inflame ,
 Que izenta me não ame ,
 Supporto , mas seu odio
 Não posso supportar.

Ther. Pois quem vos aborrece ?

Talvez algum Leão , a quem ferisse
 Vosso robusto braço.

Hip. Vendo em mim retratado

Esse , que céga julga ,

De seus males Author : sua familia

Desejando vingar , a furia , a raiva

Fer-

Ferve dentro em seu seio :
 Accendem-se os seus olhos
 Sempre q' em mim se fitão ,
 E os seus alentos contra mim s'irritão.

Ther. Isso de nada importa
 Por mais , que Aricia em odio vil se quei-
 me ;

Por muito , que o furor nella chameje ;
 Por muito , que blasfeme , que esbraveje ,
 D'escrava tem a sorte.

Hip. Não repito isto não , porque m'importe ;
 Nem porque eu do seu vil resentimento
 Tenha , que recear ; mas tem-me afflicto
 Ver no seu rosto o rancor vivo escrito.

Ther. Pois só agora estamos ,
 Quero-vos declarar , que o doce tempo
 Da vossa liberdade
 Quazi toca o seu fim.

Hip. - - - - - o que ?

Ther. - - - - - dispõe
 O vosso coração , para accendido.
 Gemer no fogo , de que tem fugido.

Hip. O que ? dentro em meu peito
 A torpe chama arder ... s'eu ignorára
 As negras manchas , com q' Amor cruento
 Mil vezes denegrido
 Tem de Thezeo as inclitas façanhas :
 Se da triste Ariadna , e das outras
 O triste lamentar não escutasse ;
 Póde ser , Therameno , que eu amasse.

Ther.

Ther. O vossor Pai d'Athenas
 Quer segurar o throno ,
 Nas facções busca dar o ultimo córte
 Dando ao seu Successor hoje Conforte.

Hip. Não digo só da Grecia ,
 Do mundo inteiro o throno
 Perder muito mais facil me sería ,
 Do que ceder d'Amor á fanha impia.

Ther. A doce liberdade
 Vos deixa d'escolher...

Hip. - - - - - entre a caterva
 De seus vís inimigos
 A liberdade quero ,
 D'escolher valerozo
 Victima , que offereça da victoria
 No sempre accezo altar : só quero a gloria
 De convencer o mundo
 Com os triunfos de meu braço forte
 Que sou digno do Pai , que tive em forte.
 Só quero o privilegio
 De vencer Minotauros ;
 De praias alimpar de malfeitos ;
 De assassinos punir , punir traidores ;
 Fugindo as que em Amor teve fraquezas ,
 Aspiro de meu Pai só as proezas.

Ther. Pensai-o bem primeiro :
 Lembrai-vos , que d'un throno fois her-
 deiro ;
 E que os homens da vossa qualidade
 São a que menos gozão liberdade.

Hip.

Hippolyto só.

D'Egeo o Neto illustre:
 D'hũa Amazona o filho
 Pela fôrte criado
 Para occupar o throno ; pára alçado
 Guiar o Povo rude
 Pelo trilho escabrozo da virtude :
 Hippolyto ha de triste
 Humilhado tambem , tambem prostrado
 Aos pés d'huma orgulhoza ,
 Escurecer a fama glorioza
 De ennobrecidos feitos ;
 D'Heróe quero virtudes , não defeitos.

Prepara o arco embora
 Perjuro , altivo Nume ;
 Tempera bem o gume
 Do ardente passador.
 Bem sei feriste Alcides ;
 Já vi Thezeo prostrado ;
 Porém seu Filho ousado
 Não teme o teu furor. (1)

Ari-

(1) Vai-se.

Arícia só.

Dos Deozes Soberanos
 Julgo a maior vingança,
 Soffre quem ama em vão sem esperança.
 Porque hei de amar a Hippolyto, se puro
 Não póde ser o ardor; se a minha chama
 D'Eréctheo as cinzas mancha?
 S'em breve enraivecidos
 Hão-de os cruéis remorços
 Quaes affanhadas serpes
 Minh'alma devorar? que força he esta,
 Porque hoje arrebatada, vil me atrevo
 A praticar, oh Ceos, o que não devo?
 Porque ha de estar presente
 Sempre dentro em minh'alma
 O bem formado corpo, a face bella
 Do legitimo herdeiro d'hũa ímpia
 Raça, que mal dizer eu deveria?
 Porque Ceos Soberanos,
 A Hippolyto formasteis tão perfeito?
 Porque lhe não ficou algum defeito
 Dos muitos, que em seu Pai descobre a
 fama?
 S'Hippolyto oh Ceos fosse
 Hum barbaro, aleivozo,
 Tyranno, vil, traidor, cruel, perjuro
 Meu odio cresceria mais seguro.

Por

Por mais , que examine
Seu rosto , e costumes ;
Defeito , altos Numes ,
Não possa encontrar.
No seu mesmo orgulho ,
No seu genio esquivo ,
Hum novo motivo
Descubro d'amar.

Aricia , e Ismenia.

Ism. Tivesteis novo encontro
Com o Principe ?

Aric. - - - não.

Ism. - - - vai tão alheio ,
Que vai fallando só : em voz bem clara
Repetia alterado . . .
D'Amor a torpe chama em nenhum tem-
po

Ha de infestar o puro
Coração , que me anima , aos Ceos o juro.

Aric. Ai Ismenia querida ,
Esles cruéis protestos ,
Esles vótos izentos ,
D'Hippolyto os heróicos juramentos ,
São duras settas , dardos , que vôando
Em minh'alma infeliz se vão cravando.

Thezeo ; Aricia , Ismenia.

The. Inda as facções não querem
Deixar-me repouzar : inda d'Athenas
A pérfida caballa
Os torriões abala :
Suppostos descendentes
D'imaginarios Reis , inda insolentes
Perturbão o foccego ,
Em que desejo vivão
Meus ínclitos vassallos :
Já sei , que alguns traidores
Se dão os parabens, vendo, que ao throno
Hum successor sómente
Thezeo tem , que apresente ;
E que este com seu genio
D'Amor sempre inimigo ,
Esperança lhes dá d'em tempo breve
Tornar o Sceptro ás mãos de quem o teve.

Aric. Mas que final remedio
Podeis achar, Senhor, sendo verdade,
Que o Principe a Amor foge?

The. Hippolyto , Senhora ,
Foge d'hum louco amor aos desacertos,
Que huma céga paixão louca respira
N'alma de quem delira :
Porém obediente
Ha de amar quando vir fica pendente
O Sceptro delle só : para de todo

Ti-

Tirar o alimento

Ao voato, que gyra turbulento,
Hippolyto, hoje mesmo
Ha de escolher Esposa
(Assim perdes de todo a esperança,
Que inda soberba nutres,
De vêres outra vez resuscitados,
Direitos vãos dos teus antepassados.)

Aric. Assim fica seguro
Hum throno, que vacilla.

The. (Faz-me furor ouvilla)
Em quanto eu são respiro.
Para o consolidar meu braço basta.
Depois de Thezeo morto,
D'Hippolyto a herança
Quero tire ás facções toda a esperança.
(Para a ver soccegada,
Hoje a quero deixar dezenganada.)

Fluctívago Neptuno,
Conspira em teu abono
Teu Neto sobre o throno
D'Athenas vem firmar.

Aric. A Filha do alto Jove,
Que deo a Erectheo leite,
Dos netos seus acceite
A causa segurar.

Ism. O Deos, que o mundo observa
Lá desde o Ceo erguido,

Pro-

Proteja o perseguido,
Que escuta suspirar.

Todos. Oh Deozes basta, basta,
Julgai-vos já vingados,
Aos Póvos desgraçados
Deixai já respirar.

Thezeo, Hippolyto, Aricia, Ismenia.

Hip. Senhor vossa presença
Creio q' indispensavel
No Pritaneo se faz...

Thez. - - - - - houve de novo
Algun fatal rumor?

Hip. - - - - - os costumados,
Porém como a presteza
De applicar os remedios, tanta parte
Tem nos effeitos bons, sem perder tempo
A conta vos quiz dar, para de todo
Em quanto vos não via
Não deixar sem soccorro
Hum popular esforço,
Therameno acudio com hum reforço
Das guardas Macedonias.

Thez. Então já nada temo,
A essa providencia
Juntas, as que eu já tinha ha pouco dado
Nesse mesmo lugar, não tenho nada
Nada, que recear; neste momento
Quero porém d'um golpe

Aca-

Acabar co' as facções tumultuozas,
 Que entrão impetuozas
 A paz a desterrar; quem as anima,
 Alenta, e corrobora,
 He verem da coroa hum só herdeiro:
 E este com genio rispido, guerreiro
 De todo resolutio
 A izentar-se d'Amor: hoje a esperança,
 Em que este engano os lança
 Devemos suffocar, da Grecia a sorte
 Manda ao meu Successor tomar Confor-
 te.

Hip. Esposa eu nomear...

Thez. - - - - - deveis-vos todo
 Ao público interesse.

Hip. Inda, Senhor, não tenho
 A sólida prudencia;
 A madureza branda,
 Que a razão nesse estado dicta, e manda:
 Deixai, Senhor, passar mais algum tempo
 Modere-se o ardor da mocidade;
 Deixai, que a experiencia
 De mãos dadas co' a idade
 Me dem soccorro contra os vís furores,
 Que inspirão nos Heróes loucos amores.

Thez. O público proveito
 Já mais foi de demoras susceptivel;
 O Rei vive sujeito
 A sempre ter presente
 Ante os olhos o bem da sua gente.

Do

Do Povo á utilidade
 Deve sacrificar sua vontade ;
 A doce paz querida ,
 Seu mesmo coração , a propria vida :
 Esposa nomeando
 Cedei , eu vosso Pai , e Rei vos mando.

Hip. (Deos torpe da molleza ,
 Da inercia vil , pezada ;
 Corruptor dos humanos ,
 Author dos feros damnos ,
 Que soffre a pobre gente
 Sugeita a teu furor , inda não cantes
 D'Hippolyto a desgraça :
 Se perfido , ardilozo
 Me buscas fugeitar , eu valerozo
 Teus laços vou romper constante , forte
 Teus ferros estalar vou d'un só cóрте.)
 Mas neste estreito passo
 A que me reduzis , dais-me benigno
 Da escolha a liberdade.

Thez. Sim , de quantas Princezas
 Respirão hoje dignas
 Do Successor d'Athenas , liberdade
 Vos deixo d'escolher . . .

Hip. - - - e feita a escolha
 A haver difficuldade
 Em se verificar , de novo izento
 Fico do jugo vil d'un Deos cruento ?

Thez. Se a esposa , q' escolhida
 Por Hippolyto for , esclarecida

Pro-

Progenie conhecer : mas sem receio
 Pódes livre escolher : hoje na terra
 Rei não ha que anciozo
 Do Illustre Egeo famoso
 Ligar se não dezeje
 Co' a descendencia clara.
 E d'Hippolito a fama
 Vôa tão decoroza ,
 Que hum peito feminil não ha q' aos Deo-
 zes

Não rogue a feliz posse
 Do filho de Thezeo : dilata a idéia
 Reflecte , escolhe , e sem temor nomeia:
Hip. (Querida liberdade
 Vamos frustrar d'Amor a crueldade.
 Seu odio ha de ser hoje
 Meu unico remedio , ha de escuzar-se ,
 E minh'alma de novo libertar-se.)
 Aricia virtuosa
 Entre todas escolho para espoza. (1)
 (Eis seu odio se accende
 Sem ver que isso he que Hippolyto per-
 tende.)
 Aqui tendes a mão , que o ser obteve (2)
 Do destruidor potente
 Do vosso alto esplendor, da vossa gente. (3)
Aric.

(1) Pondo os olhos nelle , fica suspenso.

(2) Com ironia.

(3) Pegando-lhe nella arrebatada.

Aric. Cheia de alegre espanto
Graças vos dou oh Deozes !
Feliz reputo o pranto
Que alcança hum tal favor.
Oh Manes a quem céga
Hoje em amar offendo!
A minha chama vendo
Queixai-vos só d'Amor.

Hip. O que fazeis, Princeza? (1)

Aric. Seguro ambicioza
A dadiua maior, mais precioza.

Hip. Olhai que eu sou o mesmo,
A quem ha pouco....

Aric. - - - - - incerta
Minha lingua offendia
Pronunciando o que a alma não sentia.

Hip. Dos vossos seis irmãos sacrificados
Pelo robusto braço
De meu Pai, atendei suspensa hum pouco,
As queixas, que em som rouco
Vão soltando offendidos:
Tornai a vós, Senhora,
Do delirio em que estais, cruel, traidora
Ao vosso illustre fangue
Hoje não queirais fer.

Aric. - - - - - inda que os seios
De meus irmãos, e Pai visse rasgados
Com as lanças fumar, inda que iradas
As

(1) Forcejando por soltar-se.

As furias vingadoras
 Para punir-me austeros excitassem;
 Os votos repetidos,
 Com que eu dos Ceos a abóboda preclara
 Hei ferido por vós, não revogára.

The. Evite pois a minha authoridade
 D'huma paixão tão cega a fatuidade:
 Vós não podeis, Aricia,
 Ser de meu filho espoza.

Hip. Minha alma valeroza
 Não póde a Amor ceder.

The. De Erectheo a descendente
 A Hippolyto hoje aspira;
 No vasto seio a ira
 Não posso moderar.

Hip. No peito, em que buscava
 Hum odio exasperado;
 D'Amor fui, solapado
 O fogo ardente achar.

Aric. Não posso não largar-te
 Meu doce Amor esquivo;
 As anhas, em que vivo
 O Céo quiz premiar.

Ism. Deixaia, Ceos, em premio
 Do pranto derramado
 D'hum bem tão dezejado
 A posse disfrutar.

The. Neptuno aos teus accode;

Hip. Ceder, oh Ceos, não devo;

Aric.

Aric. Perder-te.... não me atrevo...

Ism. Amor, vinde-a croar.

Todos. Dignai-vos hoje,
Summas Deidades,
Vossas vontades
Infinuar.

Therameno, e os ditos.

Ther. De todo foccegado
Fica o tumulto já, huma só gota
De sangue não custou, porém, que vejo
Extáticos, pasmados, ...
Aricia segurando
Do Succellor a mão? ...

Todos. Dignai-vos hoje,
Summas Deidades,
Vossas vontades
Infinuar.

Mercurio, e os ditos.

Mér. Thezeo Illustre, e forte
Do destemido Alcides
Briozo companheiro:
O seu fiel, Divino Mensageiro
A ti Jove alto envia:
Jove que dos Destinos
Dispotico regula, o gyro occulto:
A absoluta Deidade a quem s'inclinão

As mesmas somnolentas
 Fumantes vagas do infernal Cocyto;
 Manda que á Aricia entregues
 Do teu Herdeiro a mão: o sábio Jove
 D'Hippolyto, e d'Arícia
 Com a doce união, ao Povo altivo
 D'Athenas dá socego:
 E co' a vossa geral felicidade
 Celebra o claro dia,
 Em que benigno já fez venturoza
 Huma Nação famosa,
 Que lá no fim da terra
 Protege como sua o Deos da guerra.
 Hoje aos Luzos fiéis em premio digno
 Do zelo invariavel,
 Com que baixo das Cupulas Sagradas
 Escutão pelos Ceos as leis dictadas.
 E do respeito, com que sempre firmes
 Servirão a seus Justos Soberanos,
 Hoje em prémio deo Jove aos Luzitanos
 Hum Principe excellente,
 Que ao bem aspira só da sua gente;
 Que no tempo infeliz, calamitozo,
 Em que do Ceo o raio
 Estalla em toda a parte,
 Prudente, acautelado
 Seu Povo guarda alheio
 Não só do mal da guerra violento:
 Mas te livre, e izento
 Do mal contagiozo,

*** il

Que

Que vai fatal grafando:
 O ar, co' bafo putrido empestando:
 No dia luminoso
 Do Excelso Rei futuro,
 D'Elyzia destemida,
 Grecia se vê por Jove protegida.
 E das suas Virtudes,
 Entre as quaes se distingue
 Tanto hoje a da Prudencia,
 Em prémio os Ceos promettem Descen-
 dencia
 D'escolhidos Heróes, que virtuosos
 Venhão os Póvos seus fazer ditos:

C O R O.

Do Rei futuro
 No claro dia
 Doce alegria
 Jove nos dá.
 Benigno sempre
 Dos Lusitanos
 Acerbos danos
 Affastará.

F - I. M.

